



**Acossados pela violência:** meios de transporte na região de Tuluá são mais uma prova da miséria da população, que está cercada pelos conflitos

**COLÔMBIA** Processadora de farinha de mandioca vira albergue para os fugitivos da guerra

## A dura rotina dos refugiados em Tuluá



– Aqui nós vivemos como animais.

Quem diz é o pequeno agricultor Rubiel Gonzalez, 49 anos, que há dois teve de deixar os seis hectares em que cultivava de tudo em Alto Frazada por medo de ataque dos paramilitares.

Com Rubiel, os “paras” adotaram uma estratégia que têm repetido muito seguidamente – distribuíram panfletos ameaçando os agricultores locais. Depois de alguns atentados bastante convincentes, Rubiel tomou a mão da mulher Sílvia, juntou os sete filhos e partiu. Não tinha em que trabalhar. Nem um lugar para o qual pudesse ir. Parou onde está agora, no albergue para refugiados da guerra colombiana, em Tuluá. Onde vive como um animal.

Outros 400 refugiados estão amontoados no albergue de Tuluá, uma antiga processadora de farinha de mandioca. Os banheiros são coletivos e, em sua maioria, abertos. As pessoas fazem suas necessidades à vista de todos.

Oito, nove, até 10 pessoas vivem em pequenos quartos decorados com o que os chamados “desplazados” conseguiram recolher de suas casas, antes da fuga – quadros religiosos, retratos de família e até uma pequena televisão vermelha. Sacos com roupas estão pendurados nas vigas, as pessoas estão sempre sobre as camas, as crianças estudando ou brincando, os adultos olhando o vazio. A prefeitura de Tuluá fornece água e energia. Comida é com os próprios refugiados.

– Às vezes, uma família só tem meio quilo de arroz para comer durante dias – relata Rubiel.

Não há trabalho para tantos refugiados. São 2,7 milhões deles, na Colômbia. Homens e mulheres que eram agricultores e agora não têm onde plantar, nem em que trabalhar. Em Tuluá, as crianças, pelo menos, dispõem de



**Fugindo dos paramilitares:** Rubiel Gonzales

uma pequena escola para estudar. As professoras organizaram um time de futebol entre os meninos e as meninas, que se vestem de azul e branco e jogam em equipes mistas. O nome do time: “Laços de Paz”.

### Joana viu, aos quatro anos, o assassinato de seu tio por paramilitares

A menina Joana Aguedelo, seis anos, ainda não se arriscou a entrar em uma das equipes. Joana, agora, tenta apenas esquecer. Em 27 de novembro de 1999, quando tinha só quatro anos, ela viu os paramilitares irromperem em sua casa, em San Lorenzo, e assassinarem seu tio, Orlando, com cinco tiros. Orlando era motorista, uma atividade de risco nesses dias de conflito. Os motoristas conduzem os agricultores e, entre eles, pode haver guerrilheiros. Como fosse suspeito de transportar guerrilheiros, os “paras” condenaram Orlando à morte. De alguma forma, condenaram também a pequena Joana, que assegura se lembrar bem do que aconteceu, mas não consegue falar no assunto. Baixa a cabeça. Torce a camiseta com o dedo. E desliza para dentro do albergue, para a sua nova e sofrida vida de vítima da guerra da Colômbia.



**Banheiros coletivos:** pessoas fazem suas necessidades à vista de todos no albergue em Tuluá

## Um país assolado pelas drogas

No clássico *Cem Anos de Solidão*, Gabriel García Márquez conta a história de um americano que, ao visitar a Colômbia, deparou com um cacho de bananas pendurado à soleira de uma porta.

– O que é isso? – estranhou.

– Uma fruta muito gostosa – respondeu o anfitrião, oferecendo-lhe uma.

O americano comeu e adorou. Pediu outra. E outra. E outra, ainda. Decidiu que iria explorar comercialmente aquela fruta deliciosa. Criou uma empresa. Enriqueceu.

Seus operários, no entanto, eram miseráveis, e a comunidade onde se instalou vivia na pobreza. Um dia, os funcionários fizeram uma greve e, na repressão, o patrão mandou a polícia abrir fogo. Milhares morreram. Tudo porque o americano havia apreciado o sabor de uma banana.

García Márquez estava fabulando a história da United Fruit, mas a passagem de *Cem Anos de Solidão* poderia ser adaptada ao drama das drogas na Colômbia. Um dia, um americano visitou a Sierra Nevada, no Estado de Santa Marta, e lá experimentou a maconha local. Maravilhou-se com a qualidade da droga produzida nas montanhas colombianas, e a partir daí passou a financiar sua produção e a exportá-la para os Estados Unidos.

Hoje, assolados pelo poder das drogas, que ameaça destruir sua juventude, os Estados Unidos voltaram-se de novo para a Colômbia. Estão tratando de combater o mal na sua origem. Instituíram, junto com o governo federal, o Plano Colômbia, que remete milhões de dólares anuais para armar e treinar a polícia e o exército no combate ao narcotráfico. E financiam as fumigações de plantações ilegais (como a coca e a papoula) com o avassalador veneno Parathion.

### Sierra Nevada transformou-se em deserto

Tal veneno destrói os cultivos de coca e papoula, sim. E também todos os demais – a Sierra Nevada, onde aquele americano provou a maconha original, transformou-se, de um paraíso ecológico, num deserto. O promotor geral da República, Carlos Ossa, já advertiu que as fumigações são ilegais, porque não existe um estudo de impacto ambiental que apure seus efeitos. Já o ex-promotor público José Fernando Castro Caycedo denunciou que as fumigações “estão atropelando os indígenas e os agricultores”.

O governo responde que as fumigações vão continuar, porque um pequeno avião é capaz de fazer, em um dia, o trabalho manual de 20 homens em uma semana. Além disso, o projeto de fumigações é parte fundamental do Plano Colômbia.

– Um plano de guerra, não de paz – define Alejandro Moya, editor-chefe do jornal *El Tiempo*, seção de Cali.

– Os planos para armar o exército e a polícia e o de fumigações são planos de destruição, não de construção do país. Há muitos intelectuais que julgam que, desta forma, a Colômbia está a caminho de se tornar um novo Vietnã. Não é impossível que eles tenham razão – diz.